

Recensões

Cinema para ler: da importância da imprensa cinematográfica

Joana Isabel Duarte¹



Ferrando, Jorge Nieto; Monterde, José Enrique. 2018. *La prensa cinematográfica en España (1910-2010)*. Santander: Shangrila Editores. 622 pp.

A imprensa especializada em cinema constituiu, durante grande parte do século XX, um lugar de expressão e debate cinéfilo. Ainda antes do surgimento de uma crítica cinematográfica autoproclamada séria – sobretudo a partir dos finais dos anos 40 e inícios dos anos 50 –, já a

¹ Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória (CITCEM)/Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Via Panorâmica s/n, 4150-564 Porto, Portugal.

imprensa movera aficionados do cinema de várias gêneses². Tenha-se em consideração, por exemplo, as revistas que alimentavam o “culto das estrelas” – muito em voga nos anos 20 e 30 –, e que não se deixaram aniquilar, em anos posteriores, pelo surgimento de uma crítica “conteudista” (via Neorrealismo) e pela crítica “formalista” (via *Cahiers du Cinéma* [Paris, 1951-]) que passou a orientar posições na imprensa especializada a partir dos anos 50. Não obstante, o estudo desta imprensa no meio ibérico reportava-se parcamente explorado e, arriscamo-nos a dizer, representou durante vários anos um território francamente negligenciado no que diz respeito ao estudo do cinema e dos hábitos societários a ele associados³.

La prensa cinematográfica en España (1910-2010), redigida por Jorge Nieto Ferrando e José Enrique Monterde, editada pela Shangrila em dezembro de 2018, preenche, por fim, a lacuna editorial sentida neste tema. O livro procura evidenciar as origens e caminhos da imprensa de cinema e registar um exaustivo catálogo analítico-descritivo dos títulos de publicações periódicas de cinema conhecidos em Espanha. Assim, a monografia divide-se em duas secções-chave: uma primeira parte dedicada à história da crítica e da imprensa de cinema espanhola, da autoria de Enrique Monterde (investigador no âmbito do cinema espanhol e dos “novos cinemas europeus”, colaborador de algumas das mais importantes revistas espanholas de cinema dos últimos anos⁴); e uma segunda parte respeitante ao catálogo de títulos, recolhidos e revistos por Nieto Ferrando, que dedica grande parte da sua atividade enquanto investigador à crítica e aos debates na imprensa cinematográfica, produzindo algumas obras essenciais para o entendimento destes fenómenos no âmbito espanhol (vd. Nieto Ferrando 2009; 2012).

O livro, ao integrar estas duas valências, constitui um instrumento de consulta e um guião essencial para conhecer os nichos de atuação da imprensa de cinema – fossem no âmbito publicitário, teórico, crítico, fanático, etc. –, é, pois, uma fonte inesgotável para o entendimento da história do cinema e da relação dos espectadores com a arte cinematográfica. Não nos espantará que esta investigação tenha sido cuidadosamente preparada no decorrer de 10 anos, uma vez que obrigou à consulta de centenas de espécimes⁵, alguns dos quais raros e dispersos por Espanha.

² Expressões como “cinefágico”, “cinéfilo”, “cinemaniaco” surgem quer na literatura de época, quer nas investigações sobre esta temática (Nieto Ferrando, 2012).

³ A utilização destas fontes confinava-se às mais glosadas pela historiografia. Tal poderá dever-se, no nosso meio, à inexistência de uma catalogação atualizada das revistas de cinema existentes em Portugal e dos respetivos locais de consulta, pese embora as monografias de Alves Costa (1954) e sobretudo de Jorge Pelayo (1998). Cabe-nos ainda notar que tentámos suprir essa falta na nossa investigação de mestrado (Duarte 2018), através da recolha e catalogação de revistas de cinema portuguesas.

⁴ Referimo-nos, por exemplo, a *Dirigido por...* (Barcelona, 1972-), *Archivos de la Filmoteca* (Valencia, 1989-) e *Nosferatu* (San Sebastian, 1989-2007).

⁵ É certo que já existiam catálogos de registo de periódicos de cinema desenvolvidos no passado - vd., por exemplo, López Yepes (1992) -, mas a metodologia de Ferrando

A delimitação proposta por esta monografia circunscreve-se ao ano de 1910 – data da edição da *Arte y cinematografía* (Barcelona, 1910-1936), habitualmente considerada a primeira revista de cinema espanhola (e ibérica) – e 2010, a data do seu centenário. Os autores justificam os limites cronológicos estabelecidos, admitindo a eventual existência de outros títulos que parecem reportar-se ao cinema, mas cuja impossibilidade de consulta descarta a sua análise. Esta circunscrição temporal permite, ainda que em traços gerais, conhecer as transformações do cinema por intermédio das revistas: testemunham-se mudanças tecnológicas como a passagem do cinema mudo para o sonoro, assim como a existência de novos suportes, nomeadamente o vídeo e o DVD, que criam publicações especializadas neste âmbito.

A primeira parte da monografia, dedicada à crítica e aos principais debates de cada época – que a imprensa simultaneamente documenta e alimenta – permite compreender os diversos discursos sobre o cinema. É-nos demonstrado como as revistas e os jornais, enquanto fonte de estudo, muito podem desvelar sobre a receção não só dos filmes em estreia ou em exibição, como do surgimento de “novos” movimentos a partir da segunda metade do século XX. Ao contrário do catálogo (correspondente à segunda parte), esta secção procura abranger, sumariamente, as primeiras referências ao cinematógrafo na imprensa periódica (jornais) antes do seu surgimento em revistas especializada (1910). Nesta época, os discursos preponderantes são o informativo e publicitário – *i.e.*, divulgativos da nova arte que começava a ser exibida um pouco por toda a Espanha. O autor reforça informações dignas de interesse, como o predomínio geográfico destas publicações (que não coincidente com a capital). Com efeito, é em Barcelona que mais periódicos se publicam nos primeiros anos da década de 1910, dado facilmente compreensível se atendermos ao facto de ter sido nesta cidade onde, primeiramente, se iniciou uma indústria cinematográfica de relevo. É curioso notar que, como demonstrámos num estudo anterior (Duarte, 2018, pp. 40-41), também em Portugal a imprensa especializada parece surgir de forma periférica: os primeiros exemplares portugueses publicam-se na “província”: no Porto – também um foco importante de produção cinematográfica nessa época a nível nacional – e em Torres Novas.

Os anos de 1910 são, para o autor, a década de início da consolidação (precoce) de uma crítica cinematográfica séria⁶. Muita dessa crítica surge não apenas nos periódicos especializados, mas sobretudo na imprensa cultural. Uma das mais profícuas é, indubitavelmente, *La gaceta literária* (Madrid, 1927-1932), de

consistiu na consulta direta de todos esses exemplares, assim como o registo de outros ainda por registar.

⁶ Neste aspeto, não podemos considerar que o panorama português esteja em coincidência com o espanhol. No nosso meio, a grande maioria das publicações de 1910-20 dedicavam-se ao culto das estrelas ou tinham um carácter informativo; pese embora a importância de alguns artigos publicados neste período cronológico, por exemplo, na *Cine-Revista* (Lisboa, 1917-1924).

Giménez Caballero, que contava com colaboradores como Gómez de la Serna⁷, Dalí e Buñuel, e onde a secção do cinema aparece antetempo e com qualidade. Não será de estranhar, assim, o vínculo desta publicação à *Residencia de Estudiantes* de Madrid, no final dos anos 20, e ao primeiro *Cine-club español*.

Através das páginas de Monterde é possível compreender os principais debates em torno do cinema, particularmente o espanhol. Uma das preocupações mais recorrentes nessa contenda é a da transposição de características culturais próprias dos espanhóis para o seu cinema nacional, idiosincrasias essas que são associadas aos conceitos de *españolidad* vs *españolada* – este último muitas vezes depreciativo. O aparecimento do sonoro parece ter acentuado os filmes da vertente da *españolada*, pois propiciava-se a temas tipicamente espanhóis, desde o folclore, às touradas e a formas de expressão musical específicas, como a *zarzuela*. O sonoro, que tanta tinta fez correr nos meios da imprensa, imiscuiu-se, assim, na proliferação de filmes que recorrem à *españolada*, situação que, à época, não foi sempre pacífica nem vista com bons olhos por parte da crítica.

A “idade de ouro” das revistas – à semelhança do que acontece em Portugal – ocorreu na década de 30, sobretudo nos anos iniciais. Uma das revistas mais importantes destes anos republicanos é *Nuestro Cinema* (Paris-Madrid-Barcelona, 1932-1935), por se afastar, precocemente, do “culto das estrelas”. O seu diretor, Juan Piqueras, terá um destino trágico no decorrer da Guerra Civil, um ano depois do final da revista. Com efeito, o eclodir da Guerra Civil espanhola, a partir de 1936, levou ao desaparecimento da maioria das publicações de cinema. As revistas cinéfilas – arriscamo-nos a parafrasear Fernando Fernán Gómez – são, como as *bicicletas, para o verão...*

Após a Guerra Civil e com o advento do regime franquista, alguns dos críticos mais importantes da década de 20 – como Giménez Caballero⁸ ou Fernández Cuenca – mantiveram as suas posições de críticos sem dificuldades maiores. Logo a partir de 1939, ressurgem as revistas especializadas em cinema. Nos anos 40 a imprensa de cinema é bastante plural, registando-se revistas de cinema para “aficionados”, de crítica e, até mesmo, de feição religiosa. É também uma década em que se continua a questionar a natureza do cinema espanhol, ao mesmo tempo que se legislam determinadas imposições cada vez mais rígidas e ideológicas (os NO-DO, a dobragem dos filmes estrangeiros, etc.).

⁷ De notar que Gómez de la Serna escreve, em 1923, *Cinelandia*, uma aproximação à arte cinematográfica “inspirada” em Hollywood. O fascínio por Hollywood deixou marcas na produção literária portuguesa em António Ferro (vd. Hollywood, capital das imagens [193?]), ainda que sem a precocidade e a imaginatividade demonstrada por Gómez de la Serna.

⁸ Que é também um dos fundadores do *Cine-club Español*, onde participara Buñuel, que irá revelar as eventuais simpatias de Caballero pelo franquismo em *Mi último suspiro* (Buñuel 2018, p. 95).

Nos anos 50 acentua-se a divisão entre uma imprensa informativa e mais superficial – para os aficionados das “estrelas” – e outra que leva à designação da década de 50 como a de “os bons tempos da crítica” (Nieto Ferrnado; Monterde 2018, 119), fazendo eco das “novas” correntes vindas de França e Itália. É o tempo de publicações como *Objetivo* (Madrid, 1953-1955), *Cinema Universitario* (Salamanca, 1955-1963) – afetas sobretudo ao Neorrealismo – ou *Film Ideal* (Madrid, 1956-1970), inicialmente de feição apostólica, mas que passa a incorporar cada vez mais os postulados dos *Cahiers du Cinéma* durante a sua “primeira e mítica grande época” (Nieto Ferrnado; Monterde 2018, 125). A grande disputa destes anos de 50 e 60 é, pois, “Bazin vs Aristarco” (Tubau 1983) e marcou de forma indelével a imprensa cinematográfica espanhola. O autor chama a atenção para o movimento cineclubístico e as suas publicações, algumas das quais ultrapassam grandemente o âmbito “associativo”: é o caso de *Documentos cinematográficos* (Barcelona, 1960) e *Cinema Universitario*, esta última distribuída e lida também em Portugal. Monterde dedica um capítulo ao papel da crítica espanhola nestas décadas, delineando o seu papel no surgimento do *Nuevo cinema español*. A associação da imprensa (e, em especial, a crítica nela publicada) aos “novos cinemas” é digna de interesse e mereceu estudos aprofundados no âmbito espanhol.

Os últimos anos fulgurosos da imprensa cinematográfica em papel, como nos demonstra Monterde, surgem com a década de 80, depois de vários decénios de atividade crítica intensa. O autor aponta o papel do cinema em casa e dos novos formatos de exibição – o vídeo e o DVD – como elementos fundamentais no espoletar de publicações muito focalizadas nesses suportes. Tal não significa que tenham deixado de surgir, desta feita, revistas de “estudos cinematográficos”: note-se que é por esta altura que surgem os afamados *Archivos de la filmoteca* (Valencia, 1989), pela mão de Ricardo Muñoz Suay (crítico habitual de revistas como *Objetivo*, tantas vezes assistente dos filmes de Buñuel) e *Nosferatu*. Bem assim, destacam-se revistas de pendor académico como *Latente* (Tenerife, 2003-), entre outras que surgiram ainda antes do virar do milénio. É curioso notar, uma vez mais, como no meio português o surgimento de revistas “académicas” dedicadas ao cinema é coetâneo ao panorama espanhol: vide, por exemplo, a revista *Senso* (Coimbra, 1995), dirigida por Abílio Hernández Cardoso. A par das revistas académicas, o autor chama ainda a atenção para a criação de revistas em nichos muito especializados, como o género do terror, que marcaram o início do século XXI.

A segunda parte do livro diz respeito ao registo dos títulos conhecidos de publicações periódicas de cinema em Espanha. Incluem-se os dados bibliográficos essenciais da publicação, assim como os lugares físicos e digitais para consulta – característica fundamental não apenas para investigadores, mas também para curiosos pelo cinema.

Sob o ponto de vista metodológico, encontram-se bem fundamentadas as opções de inclusão e exclusão de espécimes em análise. Assim, o propósito de Nieto Ferrnado foi centrar-se em

revistas e periódicos *de cinema*, o que deixa de lado publicações que referem demais espetáculos (teatro, touradas, etc.) e “revistas culturais” onde o cinema se manifesta em rubricas regulares. Todavia, existe o cuidado de inserir no catálogo uma secção (acompanhada somente por texto, e não por um rol de títulos) específica para este nicho de revistas – tal como se faz para os “boletins”. Bem assim, recordamos que a primeira parte do livro supre, quando necessário, essas ausências, fazendo por diversas vezes menção às revistas culturais que se revelaram fundamentais para a criação de uma crítica cinematográfica sólida. Cada entrada (registo) do periódico de cinema conta com uma pequena descrição conteudística da publicação, sendo possível categorizar os espécimes consoante os discursos *informativo, cinéfilo, analítico, teórico, historiográfico, crítico*, conforme sugerido pelo autor. Esta taxonomia poderá, sob o ponto de vista metodológico, ser vantajosa em termos de arrumação destes periódicos, o que constitui uma mais-valia para investigadores. O aspeto gráfico do livro em análise é igualmente digno de nota, destacando-se as reproduções de algumas das capas das publicações citadas ao longo do texto. Estas permitem perceber as evoluções técnicas e gráficas a que as revistas estiveram sujeitas: desde a inclusão da fotografia a preto e branco, associada a grafismos *art déco*, nos anos 20; à ilustração das capas sem recurso a fotografia e, sobretudo a partir dos anos 30, à crescente inclusão de fotografias a cores. São elementos que permitem perceber a estética e organização formal destas publicações, que muitas vezes manifestam um elevado interesse gráfico.

Estas fontes, analisadas por Nieto Ferrando e Monterde, convergem numa publicação que preenche uma lacuna nos estudos cinematográficos espanhóis, constituindo um precioso documento para os estudos fílmicos – desde logo, sob o ponto de vista da receção e das vicissitudes associadas à produção de um filme, mas, também, daquelas películas que não chegaram até nós senão pelo registo textual –, contribuindo, igualmente, para as investigações dedicadas à cinefilia, aos hábitos sociais relacionados com a ida ao cinema, às salas de espetáculos. É, pois, essencial, conhecer o cinema através das suas revistas, como esta investigação tão bem dá a ver, numa edição cuidada da Shangrila.

BIBLIOGRAFIA

Buñuel, Luis. 2018. *Mi último suspiro*. Barcelona: Penguin Random House Grupo Editorial.

Costa, Alves. 1954. *Breve história da imprensa cinematográfica portuguesa*. Porto: Cine-clubes do Porto.

Duarte, Joana Isabel Fernandes. 2018. «*Se não se podem ver filmes, leiam-se as revistas*»: Uma abordagem da imprensa cinematográfica em Portugal (1930-1960). Relatório (Mestrado em História da Arte, Património e Cultura Visual), Faculdade

de Letras da Universidade do Porto. <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/114328>

- López Yepes, Alfonso. 1992. "Catalogo de revistas cinematográficas españolas (1907-1989)". *Revista general de información y documentación* 2 (1).
- Nieto Ferrando, Jorge. 2009. *Cine en papel: cultura y crítica cinematográfica en España (1939-1962)*. Valencia: Ediciones de la Filmoteca.
- Nieto Ferrando, Jorge. 2012. *Cine en papel: cultura y crítica cinematográfica en España (1962-1982)*. Valencia: Ediciones de la Filmoteca.
- Pelayo, Jorge. 1998. *Bibliografía portuguesa de cinema: uma visão cronológica e analítica*. Lisboa: Cinemateca Portuguesa.
- Tubau, Iván. 1983. *Crítica cinematográfica española. Bazin contra Aristarco: la gran controversia de los años sesenta*. Barcelona: Edicions Universitat de Barcelona.